



Linguística Aplicada das Profissões

VOLUME 16 nº 1 - 2012

Marcas de Interatividade em Gêneros Acadêmicos

Kazue Saito Monteiro de Barros

RESUMO: Parte de um projeto maior sobre as características essenciais do domínio acadêmico, o trabalho tem como objetivo identificar marcas de interatividade no processo de textualização na escrita, com foco em dois gêneros acadêmicos: o *chat acadêmico* e o *memorial*. É sabido que tais marcas cumprem várias funções discursivas, mas este estudo se restringe àquelas que se mostraram mais produtivas nos dados analisados, a saber, as ativadas pelo autor na busca da preservação da própria face. O aporte teórico construído para fins desta análise envolve pressupostos e conceitos de várias disciplinas. As marcas dependem das percepções dos interlocutores em relação ao evento.

Palavras-chave: gêneros acadêmicos; marcas de interatividade; polidez e face.

Contextualizando o tema

O trabalho insere-se num programa de estudos maior que busca identificar características comuns aos gêneros acadêmicos. A intenção não tem sido a de investigar um dado fenômeno em vários gêneros, mas a de analisar minuciosamente um gênero por vez, aí observando os fenômenos que se evidenciem como os mais peculiares e essenciais. Ao longo da investigação, os dados são submetidos a diferentes níveis de observação, com diferentes focos de estudo: nas características

internas, de natureza mais linguística, com ênfase na descrição das propriedades formais dos textos, buscando a identificação de sequências estereotípicas; nas características externas, referentes à situação, às normas sociais do evento comunicativo, às relações entre os indivíduos, aos tipos de ações realizados; e na funcionalidade, observando-se os objetivos e intenções dos interlocutores. Obviamente, a divisão da análise nesses níveis não significa que eles não estejam imbricados. Como dito, trata-se de uma tendência adotada numa dada fase nos estudos e não de uma delimitação clara e excludente, até porque a análise em um nível determina a interpretação em outro. Busca-se, ao final, uma melhor caracterização dos gêneros acadêmicos, isto é, as implicações envolvidas na categoria *domínio acadêmico*.

Esta investigação soma-se aos esforços relacionados ao objetivo maior mencionado acima, centrando-se nas especificidades das marcas (ou dos indícios) de interatividade no processo de textualização na escrita em gêneros do domínio acadêmico. O foco recai sobre dois gêneros, um que guarda características tanto da fala quanto da escrita, o *chat acadêmico* e outro estereotipicamente escrito, o *memorial*. A escolha é proposital já que se acredita que, de um modo geral, modelos e aparatos teóricos devem ser capazes de dar conta das duas modalidades de língua. No *chat acadêmico*, um professor universitário de gastronomia discute com outros professores e alunos sobre sua experiência no exterior e sobre questões variadas sobre gastronomia em geral; no *memorial*, um professor defende seu currículo para fins de um concurso para titular.

Análises anteriores mostram que as marcas de interatividade cumprem diferentes funções, mas em contextos acadêmicos (por exemplo, Barros, 1998) predominam as destinadas a a) garantir compreensão, b) demonstrar conhecimento, c) preservar a face. Aqui vamos nos restringir a indícios ativados pelo autor para preservação de sua face, já que são marcas de interatividade das mais recorrentes nos gêneros analisados.

Um pressuposto quase consensual entre analistas do texto é o de que o texto escrito apresenta traços de interatividade explícita que estabelecem uma relação direta do escrevente com seu interlocutor. Não obstante o uso corrente do termo *marcas de interatividade* na literatura, o conceito ainda permanece bastante obscuro e não se tem clareza quanto às formas, funções e pontos de ocorrência dessas marcas, o que indica a necessidade de se dedicar maior atenção ao tema. O conceito adquire nuances diversas, dependendo da perspectiva teórica do autor do trabalho. Assim, pode-se considerar que este trabalho tem como objetivo paralelo discutir, com base na análise dos dados, a noção de *marcas de interatividade na escrita*.

É preciso ressaltar que, muitas vezes, na literatura, o termo *marcas de interatividade na escrita* mescla-se ao de *marcas de oralidade*, o que é considerado uma postura teórica inadequada. Embora todos de motivação interacional, os *indícios de interatividade* podem sinalizar alinhamentos diversos conforme desejo do autor de estabelecer relações prioritárias ora com seu texto, ora com a mensagem que quer transmitir, ora com seu interlocutor presumido (Barros, 1990; Barros, 1999). Marcuschi (1999) chama tais alinhamentos de envolvimento multiorientado, identificando relações do escrevente com seu interlocutor (“uma objeção possível seria”), com seu tema (“os argumentos para esta tese são”), consigo mesmo (“meu interesse”), com práticas sociais específicas (para contato pessoal usa-se uma carta). Já o termo *marcas de oralidade* não necessariamente prioriza a natureza

interacionista do texto, mas pode indicar, por exemplo, variações sociolinguísticas, grau de formalidade, características estilísticas etc.

Do ponto de vista da estrutura ideacional, da transmissão de um conteúdo informacional, as marcas interativas na escrita são quase sempre supérfluas ou digressivas, preenchendo mais uma função interpessoal. O autor pode inserir marcas na suposição de que seu interlocutor não compartilha de certos conhecimentos, necessários à correta interpretação de seu enunciado, como, por exemplo, a expressão (em negrito) encontrada em redação de aluno: “*pois ele vive do alugado isto quer dizer trabalho fora para sustentar a família*”. No caso, o autor explicita o significado de “alugado”, já que supõe que seu professor, de classe média e de fora de sua região não conseguirá compreender o sentido. Trata-se de estratégia para garantir a compreensão. É também comum, em textos de alunos, a ocorrência de marcas destinadas a demonstrar conhecimento: “*foram duas as guerras como todos sabem – a primeira e a segunda*”. Diferentemente do que ocorre no exemplo anterior, aqui o aluno sinaliza sua inferência de conhecimento partilhado; ele quer, apenas, demonstrar conhecimento. Outra função encontrada em textos de alunos é a de preservação da face. Por exemplo, em “*maniqueísmo é uma coisa complicada que poucos sabem discutir*”, o autor reconhece que não sabe algo que deveria saber, daí a necessidade de marcas profiláticas de preservação de face, para que o interlocutor não o julgue como incapaz – uma vez que não está só na sua ignorância – assim preservando sua face negativa (no sentido de Brown & Levinson, 1987).

A posição que aqui se defende é a de que essas marcas de interatividade devem ser interpretadas como *pistas contextualizadoras* utilizadas pelo autor para direcionar a construção do sentido textual. Elas indicam não somente a busca de envolvimento do leitor, uma função amplamente apontada por muitos pesquisadores, mas revelam, sobretudo, a preocupação do autor com o monitoramento da interpretação do seu interlocutor.

Em resumo, o termo *marcas de interatividade na escrita* está sendo utilizado para designar, de forma genérica, indícios que revelam aspectos dialógicos na modalidade escrita, ou seja, são *estratégias de monitoração do texto*, através das quais o autor assinala ao leitor que tem em mente, como espera que seja interpretada a atividade de leitura. Tais marcas são ativadas pelos autores com finalidades diversas, sendo uma delas a de preservar a própria sua face: nesse caso, o autor lança mão de pistas para, por antecipação, prevenir a perda de dignidade ou estima.

1. Observações teóricas: interação, polidez e face

Em relação à análise de **interações**, orais ou escritas, o aparato geral utilizado, neste ou em qualquer estudo, integra pressupostos e conceitos da etnometodologia e do sociointeracionismo (à semelhança de Gumperz). As noções de *praxis*, indicialidade, *membership*, enquadres, pistas de contextualização são relevantes em nossos estudos – sobre elas, apenas alguns brevíssimos comentários.

Os estudos etnometodológicos correspondem à pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias, tais como comunicar-se, tomar decisões, raciocinar (GARFINKEL, 1984). A análise da interação – o *locus* privilegiado da vida social – privilegia, dessa forma, o ponto de vista dos interactantes.

As expressões da linguagem ordinária são indiciais, vistas como expressões que extraem seu sentido do próprio contexto. Embora uma palavra tenha uma significação própria, tem igualmente um significado distinto em cada situação particular em que é usada. A inteligibilidade de nossos diálogos não é comprometida por sua natureza indicial, mas dela depende e é o conhecimento das circunstâncias do enunciado que nos permite atribuir-lhes um sentido preciso. Segundo Coulon (1995), essa noção de indicialidade foi transportada pela etnometodologia para as ciências sociais. Significa que todas as formas simbólicas, como os enunciados, gestos, regras, ações, comportam uma margem de incompletude que só desaparece quando elas se produzem. Daí a Etnometodologia propor o estudo da organização sequencial da interação, que permite interpretar como os participantes negociam localmente os sentidos do texto.

O conceito de membro não se equivale à pertença social, trata-se do domínio da linguagem comum ou o conhecimento das regras implícitas de comportamentos e aceitação das rotinas inscritas nas práticas sociais. Tornar-se um membro significa ter o progressivo domínio da linguagem institucional comum. Um membro não é uma pessoa física, mas uma "pessoa" dotada de um conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de *savoir-faire*, que a fazem capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca (COULON, 1995).

Alguns dos pressupostos e categorias analíticas retomados são geralmente tributados à Sociolinguística de cunho interacionista. Com Gumperz (1982) e Gumperz & Cook-Gumperz (1982) considera-se que o significado, a ordem, as estruturas e outras categorias não são predeterminados, mas emergem do processo interacional, motivados por um complexo conjunto de fatores físicos e experienciais. Tais fatores traduzem-se em *pistas de contextualização* que embora possuam carga informacional, só no processo interacional adquirem seus significados. As pistas de contextualização utilizadas pelo falante auxiliam a canalização das inferências do interlocutor num dado sentido, cuja interpretação se baseia no seu conhecimento prévio da atividade. A atividade de fala está ancorada na intencionalidade e nos processos inferenciais.

Como se sabe, Gumperz caracteriza as convenções de contextualização como pistas linguísticas e pistas prosódicas, além das pistas não vocais (direcionamento do olhar, o distanciamento entre os interlocutores, posturas, gestos etc). Outros estudiosos têm partido da noção do autor para incluir traços não previstos inicialmente por Gumperz – tal postura não só é considerada válida como também necessária, já que a perspectiva aqui adotada, de natureza inferencial, pressupõe uma *análise situada* dos dados. O que deve ser considerado como pista de contextualização depende da leitura que os interactantes fazem do evento do qual participam e de suas interpretações dos enunciados.

Um conceito-chave é, portanto, a noção de enquadre. O termo confunde-se com ou sobrepõe-se a vários outros, no mais das vezes, dependendo da tradição de pesquisa do autor. Neste trabalho adota-se a noção tal como sugerida por Tannen & Wallat (1987), que baseadas em Goffman (1974) sugerem utilizar o termo *enquadre* com relação à noção antropológica de enquadres interativos de interpretação – refere-se à percepção de qual atividade está sendo encenada, o que o enunciado quer dizer. Enquadres emergem de interações verbais e não verbais e, ao mesmo tempo, são por elas constituídos – são, portanto, fluidos e instáveis. Para as autoras, na análise da

construção de enquadres, é preciso observar a) as metamensagens sobre a contextualização (indicam o enquadre que vai orientar o uso do registro); b) a referência ou tópico discursivo (do que estamos falando); c) os atos verbais e não verbais (com que intenções ou efeitos falamos); d) a estrutura da participação (a interpretação que os participantes fazem a todo momento sobre os direitos e deveres de falantes e ouvintes).

A *estrutura da participação* é um termo atribuído a Goffman (1998) que, como as pesquisadoras acima mencionadas, sugere que os eventos de fala devem ser analisados em termos da atividade social no qual se encontram inseridos. O termo foi introduzido para designar as diferentes formas pelas quais os interlocutores podem se relacionar um com ou outro e com seus enunciados ou, em outras palavras, a estrutura da participação varia de acordo com as várias formas de alinhamentos interacionais (*footing*). O *footing* representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo mesmo e com o discurso em construção. São introduzidos, negociados, ratificados (ou não), cossustentados e modificados na interação. Podem sinalizar aspectos pessoais (como fala afável), papéis sociais (como o de chefe), discursivos (como o de falante como animador do discurso do outro).

Em relação ao aparato para análise da **polidez**, considera-se essencial a busca de perspectivas mais interacionistas que as dos modelos seminiais, tais como em Brown & Levinson, 1987, Leech, 1983, 2003. Esta pesquisa não adota, portanto, o modelo clássico de Brown & Levinson (1987) que, ao longo dos anos, tem recebido uma série de críticas: pelo caráter abstrato, não situado (SPENCER-OATEY, 2005); por não se constituir como modelo de polidez, mas de mitigação (LOCHER & WATTS, 2005); por se basear em normas e regras de sociedades ocidentais (GU, 1990; MAO, 1994, IDE, 1993, WIERZBICKA, 2003); por não permitir um tratamento mais interativo do discurso, optando pela adoção do ato de fala como sua principal categoria. Mas, como esses e outros autores que trabalham com o tema, aqui também se postula que as normas de polidez são governadas por questões que envolvem a *face* dos interactantes.

Na falta de um modelo mais consensual e maduro para a investigação da polidez, utiliza-se algumas categorias para análise que estão fortemente ancoradas na perspectiva de Spencer-Oatey (2005). A proposta deve ser considerada como preliminar, mas é de natureza interacionista.

Assumindo parcialmente a definição de Spencer-Oatey, entende-se o conceito de *(im)polidez*

como os julgamentos subjetivos que as pessoas fazem sobre a adequação social de comportamentos verbais e não verbais. Em outras palavras, não é o comportamento em si que é polido ... ou rude; antes, a (im)polidez é um rótulo avaliativo que as pessoas agregam ao comportamento, como resultado de seus julgamentos subjetivos sobre a adequação social. (SPENCER-OATEY, 2005, p. 97).

Tais julgamentos são sensíveis às percepções que os interlocutores têm do evento do qual tomam parte, ou nos termos de Goffman (1974), do *enquadre* que situa a metamensagem contida em enunciados, indicando como sinalizamos / interpretamos o dito. Nossas percepções sobre as normas específicas do contexto

geram certas *expectativas de comportamento* que vão, por sua vez, influenciar a percepção dos comportamentos como sendo adequados ou não.

Segundo Spencer-Oatey (2005), as expectativas são governadas por, pelo menos, dois princípios interacionais, o da *equidade* e da *associação*, sendo cada um deles constituídos por alguns componentes. O conceito de *(im)polidez* é usado como um termo guarda-chuva que cobre todos os tipos de significados avaliativos, do mais afetuoso ao rude. Tais significados podem ter conotações positivas, negativas ou neutras e os julgamentos têm influência impactante nas percepções dos indivíduos acerca das relações sociais e da harmonia / desarmonia que existe entre eles.

O princípio de equidade, que guarda semelhanças com as máximas de Leech (1983), é explicado pela autora:

de acordo com o princípio da equidade, as pessoas têm uma crença fundamental de que devem ter consideração pessoal dos outros e devem ser tratados de forma correta; em outras palavras, que eles não recebam imposições, que não recebam ordens de forma não justa e que não sejam explorados. (SPENCER-OATEY, 2005:100)

O *princípio da equidade* seria constituído por três componentes: considerações de custo-benefício (o princípio de que as pessoas não devem ser exploradas ou ter desvantagem); justiça-reciprocidade (a crença de que custos e benefícios devem ser justos e balanceados); autonomia-controle (as pessoas não devem ser controladas indevidamente ou receber imposições). O princípio da equidade resulta em expectativas de comportamento do tipo: uma pergunta “custosa” deve ser respondida de forma mais elaborada que uma pergunta trivial; um favor deve ser recíproco; um superior no trabalho só pode fazer pedidos relacionados ao trabalho ao empregado.

O *princípio da associação* dá conta da crença de que as pessoas têm o direito de se relacionar com outras, ajudando na construção de uma relação interdependente, isto é, engloba três componentes: envolvimento (o princípio que as pessoas devem ter quantidades e tipos apropriados de atividades com os outros); empatia (a crença de que as pessoas devem compartilhar de forma apropriada preocupações, sentimentos e interesse); respeito (a crença de que as pessoas devem demonstrar quantidade apropriada de respeito pelos outros). Por exemplo, os amigos devem regularmente telefonar ou visitar um ao outro; um professor deve se preocupar com o bem estar pessoal dos alunos; um jovem deve respeitar pessoas mais velhas. As pessoas desenvolvem expectativas a respeito de cada um desses elementos e é então com base nelas que fazem seus julgamentos do que é polido ou não.

Os princípios interacionais postulados por Spencer-Oatey não invalidam a clássica idéia de Brown & Levinson (1987) sobre o jogo de faces atualizadas na interação (a *face positiva*, vista como, na relação com o outro, o desejo de apreciação e aprovação da imagem própria; e *face negativa*, definida como o desejo de preservação básica de territórios e reservas pessoais, ou ainda, como a busca pelo direito à liberdade de ação e à liberdade contra a imposição), mas detalham melhor o jogo interacional envolvido na negociação das faces e dão conta das bases das percepções dos interactantes.

2. Marcas de preservação da face: *chat* acadêmico e memorial

Abaixo, analisa-se o primeiro exemplo, uma sequência de um longo bate papo sobre gastronomia. A atividade – a que estamos chamando de *chat* acadêmico – poderia ser percebida como uma aula ou palestra sobre gastronomia. Mas, como se verá a seguir, há uma discrepância de interpretações quanto ao evento, daí gerando uma situação de conflito que bem descreve os processos que se quer ressaltar.

Exemplo 1: *chat* acadêmico

.....

01. (Fri May 24 11:00:26) CL fala para todos : Prof. W vc disse q ia precisar de fermentados ... Com algumas latas de cerveja as coisas ficam diferentes... hehehe
02. (Fri May 24 11:00:33) MB : Entrou na sala
03. (Fri May 24 11:00:47) S: Entrou na sala
04. (Fri May 24 11:00:51) W fala para todos: Não vejo a graça diiso. Isso aqui e uma dicussao seria, não é coisa de moleque.
05. (Fri May 24 11:01:19) SA : Entrou na sala
06. (Fri May 24 11:01:22) moderador fala para todos : Gostaria de pedir que as perguntas ao prof. W fossem encaminhas ao moderador. Obrigada!
07. (Fri May 24 11:02:16) CL fala para todos : Séria? Vossa Excia ta me parecendo meio borracho...
08. (Fri May 24 11:02:17) moderador fala para todos : As perguntas p/ o moderador precisam ser enviadas no reservado. Obrigada!
09. (Fri May 24 11:03:56) CL : Saiu da sala....
10. (Fri May 24 11:04:07) B fala para todos : Bom dia Dr. W
11. (Fri May 24 11:04:21) SA fala para todos: W qual a maior dificuldade q vc achou na sua passagem pela França?
12. (Fri May 24 11:05:04) C : Entrou na sala
13. (Fri May 24 11:05:30) G: Entrou na sala
14. (Fri May 24 11:06:16) B fala para moderador : essa coisa de enviar as perguntas no reservado não atrapalha um pouco o

entendimento da resposta por parte dos outros
participantes do chat?

Fonte: Núcleo de Estudos sobre a Língua Falada e Escrita - NELFE.

O convidado principal, **W**, é de origem mexicana e aqui fala de sua ampla experiência como *chef* em alguns países do exterior. Ao se apresentar (em momentos anteriores ao do registro acima), **W** complementa a informação do “moderador” de que “o *W* é formado em nutrição mas tem ampla experiência em cozinha internacional”, expondo suas credenciais:

“sou formado em nutrição com MESTRADO e DOUTORADO em nutrição...
fiz vários cursos em diversas partes do mundo...
viajei pelo mundo como convidado para inumeros lugares ...”.

Desde o início, **W** se atribui a categoria de especialista: de *chef* (e não apenas de um sujeito com *ampla experiência em cozinha internacional*), um profissional com formação, com MESTRADO e DOUTORADO (em letras maiúsculas, numa área consolidada, nutrição) e com competência garantida por “vários cursos” e em “diversas partes do mundo”. Sua *expertise* profissional é amplamente reconhecida, o que se traduz pelos convites recebidos para inúmeros lugares do mundo.

Ressalta-se que os dados são de 2002, ou seja, quando a gastronomia tinha um pouco menos de prestígio que nos dias atuais; possivelmente por isso, a ativação de estratégias de preservação da face por **W** sejam tão necessárias logo de início, para organizar aspectos da estrutura da participação. De sua parte, **W** caracteriza o encontro como uma palestra ou aula, em que ele desempenha um papel de destaque. E é também preciso lembrar que à época, ministrar aula ou fazer palestra via *chat* era, em relação aos dias atuais, uma experiência menos corriqueira, que muitos profissionais não tinham tido a oportunidade de concretizar. Ajustes em relação à participação em novos gêneros e situações são sempre esperáveis, tornando necessário que os interactantes indiquem suas percepções em relação ao evento tão cedo quanto possível.

Tendo contextualizado o início do chat, passemos ao exemplo. Sem considerar o contexto explicitado, visto isoladamente, o enunciado (linha 01) que desencadeia o conflito (linha 04) não poderia ser considerado como um ato de ameaça à face, principalmente pelo “tom” de brincadeira, aliás explicitado pela indicação de riso (linha 01). Não obstante, o enunciado é visto como ofensivo por **W**.

O problema de interpretação de **W** (linha 04) parece sensível a expectativas comportamentais dos interactantes em termos das leituras diferenciadas a respeito da *atividade* da qual fazem parte – o que pode ser percebido pelas *pistas contextualizadoras* ativadas: **CL** parece interpretar o evento como um simples *chat*: usa abreviatura (vc) e expressões próprias desse gênero (*hehehe*). De início, percebe a interação como informal (gênero *chat*) e como sendo entre iguais, assumindo a existência de *empatia* entre eles, dois professores. A reação de **W** (linha 07) é vista

como esnobismo. Ironicamente, **CL** chama **W** de *Vossa Excia* (linha 07) e indica que ele tem problemas de compreensão (“*está borracho*”, linha 07), usando um termo em alusão à nacionalidade do convidado. A esta altura, **CL** já percebeu que **W** rejeita a categoria de *íntimo*, assim o termo “*borracho*” toma conotação bastante pejorativa.

Por outro lado, **W** (linha 04) se coloca numa posição superior, de convidado e especialista no assunto. Deixa claro como quer que a situação seja vista, i.e., como *discussão séria* e não como *coisa de moleque* (linha 04). Mesmo depois de **CL** sair da sala, **W** dá indicações de como quer ser tratado: vários enunciados como

“*como profissional nutricionista eu não aprovo esse tipo de conduta*”;
“*muitos gostam de agredir seu organismo*”

indicam a busca pelo componente associativo *respeito*. O termo *profissional* contextualiza como **W** categoriza sua atividade: trata-se de uma *profissão* e não apenas uma *ocupação*. Em nenhum momento lança mão de abreviaturas, expressões, recursos comumente usados em *chats*.

Os dois interactantes envolvidos no conflito não parecem compartilhar percepções a respeito das normas e protocolos do gênero em questão, o que gera diferentes *expectativas de comportamento*, que vão, por sua vez, influenciar a percepção dos comportamentos de **CL** e **W** como sendo rudes, esnobes, afetados.

O *chat*, que como gênero se situa numa posição intermediária entre as modalidades falada e escrita preserva os processos interacionais ativados numa comunicação e ilustra bem como se dá a negociação das faces na interação: **W** lança mão de uma série de estratégias para se impor como especialista a ser respeitado. Nesse contexto, por exemplo, o uso de letras capitais em “MESTRADO e DOUTORADO” deve ser considerado uma *marca de interatividade* que direcionada para um sujeito específico, busca controlar as interpretações do interlocutor e da audiência. Assim também devem ser vistas as várias pistas de contextualização comentadas, através das quais os interactantes mostram diferentes leituras do evento (como aula/palestra, na opinião de **W** e como *chat*, na visão de **CL**) e buscam influenciar as percepções um do outro.

Exemplo 2: memorial

01. Um memorial implica pensar no passado ...creio que o início do caminho deu-se quando ainda no colegial submeti-me a um teste psicotécnico...
02. eu sempre fui um aluno, na minha opinião, medíocre – não conseguia compreender para que aquilo tudo servia... aprendi a conviver com minha incompetência (controlada), decorando fórmulas, manipulando dados, resolvendo problemas ... acabei sendo bem sucedido ... aprovado entre os primeiros ... o nível dos colegas de escola, de modo geral, era abaixo do razoável ...

03. depois de mais de trinta anos de ensino ... ainda aprendo com meus alunos, aqueles a quem, por direito, eu deveria ensinar ...
04. eterno discente, agradeço a Deus ter tido a possibilidade de habitar o mesmo laboratório que RP que, como todos sabem, é o mais renomado pesquisador na área da ...
05. RP convidou-me a participar de seu grupo ...
06. O encontro propiciou a oportunidade única de concorrer ao prêmio S de ... ganhamos com larga vantagem sobre o segundo colocado ... Ademais foi a chance de conviver RP mais de perto e de conhecer todo o grupo de pesquisadores com maior influência (...)
07. No início do ano de ..., já tendo sido aprovado Foi um período excelente, pois nesse ano, com apenas 26 anos, nesse iniciei minha carreira de professor na pós-graduação ... durante esse período adquiri um sólido conhecimento teórico a respeito de tudo que havia de mais avançado (...)
08. Meu desempenho foi avaliado como EXCELENTE. A avaliação me atribui qualidades como “agudeza na percepção dos assuntos e altíssima capacidade exploratória” ...
09. Menciono ... as mais de trinta orientações porque considero a atividade crucial para o desenvolvimento acadêmico do professor pesquisador ...
10. No último ano, orientei a premiadíssima tese de CVN, minha colega no Departamento de ... também a dissertação de TH, pesquisador de excepcional inteligência... Lembro que a natureza do memorial impõe a inserção de informações como essas (...)

Fonte: Núcleo de Estudos sobre a Língua Falada e Escrita - NELFE.

Diferentemente do *chat*, o memorial é um gênero textual mais consolidado na sociedade acadêmica, no sentido de que mais profissionais têm familiaridade com ele. Autores vários (como, por exemplo, PASSEGGI, 2006) ressaltam que os memoriais são elaborados tanto como um dispositivo de avaliação quanto como uma prática reflexiva de formação. Mas no *corpus* analisado (do qual consta o memorial aqui selecionado), a preocupação com a avaliação externa se sobressai. Curiosamente, termos como “breve descrição”, “balanço geral”, “avaliar-me”, “percurso de vida” parecem ocorrer preferencialmente nas partes iniciais e finais dos documentos, como se (só) tais momentos maximizassem práticas mais autorreflexivas.

No exemplo, o professor inicia seu texto lembrando que “um memorial implica pensar no passado” (linha 01), talvez justificando-se por começar o memorial a partir do colegial (linha 01) – informação que pode ser considerada irrelevante pelos avaliadores. Dessa forma antecipa possível crítica de que um memorial deve conter apenas informações relevantes, neutralizando ser taxado como um pesquisador de currículo pobre; ao mesmo tempo, resgata o conceito de memorial, legitimando sua atitude.

Mais do que movimentos de autoavaliação, abundam estratégias de textualização que buscam monitorar a forma sobre como o autor quer ser categorizado pelos seus interlocutores presumidos, pares mais experientes na academia. Na linha 02, demonstra modéstia e sinceridade (ao final do texto, o autor **EW** pleiteia ter feito um memorial “sincero”) caracterizando-se como “mediocre”, mas claro, nesse passado distante do colegial. Também, dá a entender que o ambiente escolar era medíocre, daí um ser pensante não saber para que “aquilo tudo servia” ao lado de colegas de nível “abaixo do razoável”. De qualquer forma, destaca sua capacidade de superação, pois administrou sua incompetência e, adaptando-se às dificuldades, foi “bem sucedido”, um dos “primeiros” (linha 02). Desse modo destaca uma faceta que considera característica de um professor titular, a de saber superar dificuldades.

Na linha 03, mais uma vez, caracteriza-se como docente experiente (“com mais de trinta anos de ensino”), como pesquisador atualizado e que, humilde e sem preconceitos, ainda estuda e aprende com os alunos.

Na linha 04, ratifica sua posição de discente, dessa vez de um dos maiores especialistas da área, ao mesmo tempo categorizando-se como colega do “mais renomado pesquisador da área” – tal fato deve ser considerado pelos examinadores pois “todos sabem”. O indício de suposição de conhecimento partilhado equivale a uma afirmação de **EW** de que considera que ele e seus interlocutores são membros de um mesmo grupo, portanto devem compartilhar normas e critérios de avaliação.

RP reconhece o valor do autor, pois convidou-o para seu grupo (linha 05) e tomou-o como parceiro de trabalho (linha 06), o que resultou numa bem sucedida dupla, capaz de ganhar com ampla margem de pontos o prêmio **S**. O autor correspondeu à expectativa de **RP** e o renomado pesquisador o acolheu também como amigo, permitindo uma “convivência mais de perto” (linha 06). **EW** é reconhecido por todos os pesquisadores de “maior influência na área” (linha 6). Pelo princípio da associação, **EW** busca caracterizar-se como equivalente a **RP** e aos melhores da área.

Pode-se perceber, então, que ao longo do texto **EW** vai atribuindo a si próprio várias facetas pertinentes a um titular. A inteligência, competência e o fato de ser um pesquisador de ponta são destacados na linha 07. Na linha 08, novamente aponta o reconhecimento dos pares – características como “agudeza”, “altíssima capacidade” fazem com que ele seja avaliado como “EXCELENTE”, com letras maiúsculas. Tem alta capacidade de formação, traduzida pelas mais de trinta teses orientadas (linha 09) e, mesmo assim, é uma pessoa simples – só menciona o fato por considerar que orientar é academicamente relevante para o pesquisador (linha 09). Os colegas de departamento devem muito a ele que os ajudou no desenvolvimento de teses de excelência. A capacidade dos colegas / orientandos é salientada: uma das teses foi “premiadíssima” e outra foi elaborada por “pesquisador de excepcional inteligência” (linha 10).

As marcas de interatividade aqui ativadas não podem ser negociadas na simultaneidade da interação, já que se trata de modalidade escrita. Mas, atuam como operadores da monitoração discursiva que o autor busca implantar em benefício próprio, tentando fazer uma projeção de possíveis objeções e formulando “respostas” a tais objeções.

Comentários finais

Reconhece-se que este trabalho tem escopo limitado: por um lado, a quantidade de dados não permite amplas generalizações e, por outro, apenas nos concentramos naquelas pistas que apontam a preocupação com a preservação da face. Mas, não obstante a análise estar circunscrita a um *chat* e a uma tese de titular, com base nas análises e também em experiência anterior envolvendo esses e outros gêneros acadêmicos, defende-se que os tipos de marcas são sensíveis aos gêneros em que ocorrem. O que significa dizer, do ponto de vista teórico, que qualquer tentativa de definição do conceito de *marcas* tem que ser, necessariamente, *situada*.

Enfatiza-se, portanto, que a proposta não é identificar um conjunto de itens linguísticos que possam ser listados como marcas interativas na escrita nem postular que tais indícios podem ser definidos *a priori*. A identificação de uma marca depende fortemente do exame das condições no momento de produção textual, assim como é sensível à instabilidade da interação. Essas características são consideradas na interpretação dos resultados ou, em outros termos, o foco dessa linha de trabalhos não está na estrutura textual formal, mas no processo interativo que subjaz à produção e compreensão de textos orais e escritos.

No *chat*, **W** quer ser identificado como conferencista, como um profissional da gastronomia, como *expert* que domina um conhecimento complexo e relevante para que seja considerado um *chef*, como especialista competente, amplamente reconhecido e assim por diante. Já **CL** indica que considera **W** não especialista, agressivo, esnobe etc. O embate de posições entre os interlocutores reflete no uso das marcas de interatividade envolvidas. A dimensão sequencial da análise, tomada de empréstimo aos estudos clássicos da conversação, permite entender como se desenvolve a compreensão intersubjetiva entre os interlocutores na interação, onde um enunciado é interpretado em relação ao que veio anteriormente ao mesmo tempo em que influencia o que se segue.

No memorial, **EW** destaca os indícios que considera produtivos para convencer quanto ao seu perfil de titular. Antecipando-se a possíveis movimentos negativos dos interlocutores, sugere que ele preenche os requisitos de um professor titular: como profissional, vê-se como pesquisador atuante, reconhecido pelos pares (e pelos “melhores” pares), docente experiente, orientador competente etc; como pessoa, inteligente e precoce, dedicado, humilde, favorecido por Deus. As marcas identificadas permitem resgatar processos interativos ativados pelo autor que busca preencher “conversas inferidas”, através de projeções e antecipações dos movimentos interacionais.

Pode-se dizer, em consonância com outros autores (como Marcuschi, 1999), que tanto a fala quanto a escrita apresentam marcas de interatividade e que os *processos* envolvidos na comunicação são bastante semelhantes. Parece assim pertinente a adoção do termo *marcas de interatividade na escrita* como adiantada:

para designar, de forma genérica, traços ou expressões que revelam, na escrita, aspectos dialogais com um interlocutor conhecido ou presumido.

A identificação das marcas de interatividade como *estratégias de monitoração do texto* é crucial, pois elas têm como função básica assinalar como o autor quer que o enunciado seja interpretado por seu interlocutor. O que equivale a dizer que perguntas e marcadores conversacionais nem sempre podem ser automaticamente classificados como marcas de interatividade, como às vezes é sugerido na literatura. Trata-se de um conceito maleável e situado, pois as marcas dependem das formas como os interactantes interpretam o evento do qual tomam parte, que nem sempre são harmônicas, como ficou evidente no *chat*. Embora as marcas de interatividade na escrita possam possuir carga informacional, só no processo interacional adquirem seus reais significados.

ABSTRACT

This paper is part of a larger project about the essential characteristics of the academic domain. The main purpose is to identify interactivity markers in texts, using data from two academic genres, academic chats and memorials. It is known that these markers fulfill several discursive functions but this study focuses on the most productive markers in the data, i.e., those intended to save the author's face. The theoretical framework incorporates concepts from different approaches. Interactivity markers depend on the factors that influence people's dynamic perceptions of the event in which they are engaged.

Keywords: academic genres; markers of interactivity; politeness and face.

Referências Bibliográficas

- BARROS, K.S.M. de. Estrutura Social, Tópico e Interação: Marcas no discurso pedagógico. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, No. 4, *Língua, Literatura e Oralidade*, p. 97-109, 1998.
- BARROS, K.S.M. de. Marcas Interativas na Produção Escrita de Alunos e Professores. *Revista Linha D'Água*, São Paulo, No. 14 (julho 99), p. 29-42, 1999.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness*. Some Universals in Language Usage. Cambridge: CUP, 1987.
- COULON, A. *Etnometodologia*. Tradução de E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GARFINKEL, H. *Studies in Etnomethodology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice H., 1984.
- GOFFMAN, E. *Frame Analysis. An essay of the organization of experience*. New York: Harper & Row, 1974.

GOFFMAN, E. Footing. Tradução de B. Fontana. In: RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P.M. (Orgs.), *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 70 – 97.

GU, Y. Politeness phenomena in modern Chinese. *Journal of Pragmatics* 14 (2), p. 237 – 257, 1990.

GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

GUMPERZ, J.J. & COOK-GUMPERZ, J. Language and the communication of social identity. In: GUMPERZ, J.J. (Ed.), *Language and Social Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982, p. 1 – 21.

IDE, S. Formal forms and discernment: two neglected aspects of universals of linguistics politeness. *Multilingua* 8 (2/3), p. 223 – 248, 1993.

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. London: Longman, 1983.

LEECH, G. Politeness: Is there an East-West Divide? *Journal of Foreign Language* n. 6, nov., general serial no. 160, p. 1004 – 5139, 2005.

LOCHER, M. & WATTS, R. Politeness theory and relational work. *Journal of Politeness Research* 1, p. 9 – 33, 2005.

MAO, L.R. Beyond politeness theory: “Face” revisited and renewed. *Journal of Pragmatics* 21, p. 403 – 426, 1994.

MARCUSCHI, L.A. Marcas de interatividade no processo de textualização da escrita. *Revista de Filologia e Linguística de Língua Portuguesa (USP)* 3, p. 139-156, 1999.

PASSEGGI, M.C.S. As duas faces do memorial. *Revista Odisséia*, Natal, v.9, p. 65 – 75, 2006.

SPENCER-OATEY, H. (Im)politeness, face and perceptions of rapport: Unpackaging their bases and interrelationships. *Journal of Politeness Research* 1, p. 95 – 119, 2005.

TANNEN, D. & WALLAT, C. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: examples from a medical examination/interview. *Social Psychology Quarterly*, 50 (2), p. 205-16, 1987.

WIERZBICKA, A. *Cross-cultural Pragmatics: the Semantics of Human Interaction*. Berlin: Mouton, 2003.

RECEBIDO EM: 25/01/2012

APROVADO EM: 23/05/2012